



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE E**  
**SECRETARIADO EXECUTIVO – FEAAC.**  
**CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**LÍDIA MARIA DE SOUSA BRAGA - 384201**

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO EMPREGO FEMININO DO NORDESTE NOS**  
**ANOS DE 2012 A 2018**

**FORTALEZA-CE**

**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B794a Braga, Lídia Maria de Sousa.  
Uma análise comparativa do emprego feminino dos anos de 2012 a 2018. / Lídia Maria de Sousa Braga. – 2021.  
52 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Alfredo José Pessoa de Oliveira.

1. Mercado de Trabalho. 2. Emprego Formal. 3. Emprego Feminino. I. Título.

CDD 330

LÍDIA MARIA DE SOUSA BRAGA

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO EMPREGO FEMININO DO NORDESTE NOS  
ANOS DE 2012 A 2018.

Monografia apresentada ao Curso de ciências econômicas da universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Alfredo José Pessoa de Oliveira

Fortaleza

2021

LÍDIA MARIA DE SOUSA BRAGA

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO EMPREGO FEMININO DO NORDESTE NOS  
ANOS DE 2012 A 2018.

Monografia apresentada ao Curso de  
ciências econômicas da universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de bacharel em Ciências  
Econômicas.

Orientador: Alfredo José Pessoa Oliveira

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Alfredo José Pessoa de Oliveira  
(Orientador)

---

Profa. Inez Silvia Batista Castro  
(Membro)

---

Profa. Jacqueline Franco Cavalcante  
(Membro)

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por ter me dado discernimento ao longo desses cinco anos, Ele iluminou meu caminho até aqui, para eu conseguir concluir essa etapa tão importante da minha vida.

À minha mãe, Adriana Braga, com amor retribuído de toda vida, que nunca mediu esforços para eu me mudar para Fortaleza, me apoiou desde início, nada que eu falar ou fazer vai igualar o que ela já fez e faz por mim.

Ao meu padrasto Raimundo Nonato e minha irmã Aline Sousa, que sempre estiveram presente nessa minha jornada. Ao meu irmão mais novo José Igor, que com certeza foi o incentivo e força que eu precisava. Agradeço por toda ajuda.

A minha família que não é de sangue, mas é de coração, Zulene, Diran, Ildilene, Cleidson e Cleidiane, que por todos esses me cederam um lugar para morar nessa nova cidade, nunca deixaram de estimular e ajudar para que eu pudesse viver esse sonho.

A meu amigo, Arianderson Melo, que deu uma importante colaboração para realização deste trabalho. Obrigada por toda ajuda, pesquisas e incentivos.

A todos os meus amigos que conquistei ao longo desses anos, que sempre me ampararam e me ajudaram, não só academicamente, mas também pessoalmente, são amigos que irei levar para vida toda, Júlia Lopes, Thalles Fernandes, Bruno Gomez, Willian Queiroz, Nádia Sneytle, entre outros que não estão com nomes citados, mas sempre me incentivaram e sempre que eu precisei estavam dispostos a ajudar.

Ao professor Alfredo, por ter aceitado me orientar, pelo incentivo e orientações dadas.

As membras da banca examinadora, professora Jaqueline Franco e Inez Silva.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar o emprego feminino no Nordeste, nos anos de 2012 a 2018. A pesquisa é de natureza descritiva e bibliográfica e se faz uso de dados secundários de diversas fontes e de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério de Trabalho e do Emprego (MTE). Os resultados mostram que ocorreu um crescimento do percentual de mulheres empregadas no mercado formal do Nordeste, embora ainda mostre menor proporção com relação ao segmento masculino. Notou-se uma maior participação das mulheres que possuem nível médio e superior completo e que seu nível de escolaridade é maior que o masculino, a faixa salarial predominante é a de um a dois salários mínimos, no entanto ainda recebem menos que os homens. O tempo de serviço que mais se destaca nas mulheres empregadas é de até 1 ano. Percebeu-se que a participação das mulheres no setor de serviços aumentou, no entanto os setores de comércio e indústria diminuíram no período estudado.

Palavras-chaves: Mercado de Trabalho, Emprego formal, Emprego feminino.

## **ABSTRACT**

The general objective of this work is to analyze the female employment in the Northeast, from 2012 to 2018. The research is of a descriptive and bibliographical nature and uses the following data of diverse sources and the data of the Annual Social Information Report (RAIS) Ministry of Labor and Employment (MTE). The results show that there is an increase in the percentage of women employed in the formal market in the Northeast, although it still shows a lower proportion in relation to the male segment. It was noted a greater participation of women who have completed secondary and higher education and that their level of education is higher than that of men, a predominant salary range is one to two levels, however it still contains less than men. The length of service that stands out most among employed women is between 5 and 10 years. The participation of women in the service sector increased, however, the sectors of commerce and industry decreased in the period studied.

Keywords: Labor Market, Formal employment, Female employment.

## LISTAS DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1 - Nordeste e Brasil: Evolução da taxa de crescimento do PIB - 2003 a 2018.....	24
Gráfico 2 - Empregos formais em 31/12, segundo os anos selecionados no Nordeste.....	25
Gráfico 3 - Proporção da População Feminina na PEA, Nordeste 2012 a 2018.....	25

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de empregos formais, segundo gênero - Nordeste - 2012 a 2018.....	26
Tabela 2 - Emprego Feminino, segundo natureza vínculo empregatício (%) - Nordeste 2012 a 2018.....	28
Tabela 3 - Emprego Masculino, segundo natureza vínculo empregatício (%) - Nordeste 2012 a 2018.....	29
Tabela 4 - Emprego Feminino, segundo tamanho de estabelecimento (%) - Nordeste - 2012 a 2018.....	30
Tabela 5 - Emprego Masculino, segundo tamanho de estabelecimento (%) - Nordeste - 2012 a 2018.....	30
Tabela 6 – Mulheres com vínculo empregatício, segundo faixa etária (%), Nordeste - 2012 a 2018.....	32
Tabela 7 - Total de Mulheres com vínculo empregatício, segundo faixa etária (%), - Nordeste - 2012 e 2018.....	34
Tabela 8 – Emprego feminino, segundo grau de instrução (%) – Nordeste - 2012 a 2018.....	35
Tabela 9 – Emprego feminino, segundo grau de instrução (%) – Nordeste - 2012 e 2018.....	36
Tabela 10 – Emprego feminino, segundo faixa de remuneração (%), Nordeste - 2012 a 2018.....	39
Tabela 11 - Emprego Feminino e Masculino, segunda faixa de remuneração (%), Nordeste 2012 e 2018.....	40
Tabela 12- Emprego feminino, segundo tempo de serviço (%) - Nordeste - 2012 a 2018.....	43
Tabela 13 – Emprego feminino por Grandes Setores de Atividade Econômica no Nordeste (%) – 2012 a 2018.....	44
Tabela 14 - Emprego Feminino por Setor de Atividades (%) - Nordeste - 2012 a 2018.....	46

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
Mercado de Trabalho.....	14
Indicadores do Mercado de Trabalho.....	16
<b>METODOLOGIA</b> .....	19
<b>A MULHER NORDESTINA NO MERCADO DE TRABALHO</b> .....	21
Mercado de Trabalho no Nordeste: Contextualização Histórica.....	22
Comparativo da Participação no Mercado de Trabalho Formal nordestina em relação à masculina.....	26
Natureza de Vínculo Empregatício.....	27
Tamanho do Estabelecimento.....	29
Perfil do Emprego Feminino.....	31
Perfil etário das Mulheres.....	31
A situação Educacional das Mulheres.....	34
Remuneração Média das mulheres.....	37
Tempo de Serviço.....	41
Absorção da Mão de Obra Feminina por Setor de Atividade.....	43
Distribuição feminina nos setores de atividade econômica.....	45
<b>CONCLUSÃO</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

A trajetória da mulher no Brasil é marcada por desigualdades e exclusão. Durante muitos anos foi aceito somente o homem como provedor do sustento da família, sendo incumbido pelo trabalho e garantir a sobrevivência, já a mulher seria a responsável pelos serviços domésticos, criação dos filhos e marido, isso se devia ao fato de serem consideradas frágeis e submissas ao homem, tornando-as sujeitas a ordens. No entanto, pode-se dizer que, ao contrário do que tradicionalmente se aceita, as mulheres não só participaram como influenciaram nas várias formas de produção de mercadorias e de acumulação capitalista.

A divisão das atividades entre mulheres e homens teve princípio desde as sociedades primitivas, onde as tarefas que eram realizadas “fora” do lar, como caça e pesca, eram feitas somente pelos os homens, enquanto que as atividades domésticas eram destinadas apenas às mulheres. Segundo Olinto e Oliveira (2004) essa repartição sexual do trabalho existiu sempre nas diferentes formas de organização social, para ele, essa divisão cultural e sexual do trabalho era exercida para firmar o lugar dos homens e das mulheres não só na família, mas principalmente na sociedade.

Diante dessa distinção de gênero, podemos imaginar que essa desigualdade nas atribuições das divisões das atividades no trabalho, não era algo natural, mas sim um fruto da organização da sociedade, onde a religião, cultura e o mercado podiam estar diretamente implicados na edificação dos padrões de comportamentos distintos entre homens e mulheres, seja no trabalho produtivo ou reprodutivo.

Como sabemos a mulher no mercado de trabalho acentuou suas lutas a partir do século XX, na I e II Guerra Mundial com seus companheiros ausentes, surgiu a necessidade de atribuir-se o sustento da família, assim assumindo o que até então era responsabilidade apenas do homem. Com o fim das guerras e as consequências das mesmas, as circunstâncias sociais e a organização das sociedades mundiais haviam se modificado. Muitos desses soldados morreram, e alguns dos que conseguiram sobreviver às guerras retornaram inválidos, estando incapacitados para o regresso ao trabalho. Esse fator contribuiu diretamente para a expansão da mulher no mercado de trabalho. Elas se dedicaram e desde então mostram suas competências e habilidades no mercado de trabalho. Dessa maneira, as mulheres

foram optando por um novo padrão e rompendo aos poucos os paradigmas adotados pela sociedade, e mesmo com as dificuldades que são enfrentadas até hoje, sendo mãe, esposas, e mantenedoras do lar não deixam a desejar em suas atribuições, e continuam lutando pelos mesmos salários e benefícios.

Segundo Bruschini (1996), a inserção da mulher no mercado de trabalho, se intensifica em 1970, destacando o início de um progresso nos anos seguintes, no que se refere ao mercado feminino, dada pela assiduidade cada vez mais frequente da mulher no mercado de trabalho. Nesse novo contexto de transformações, a mulher precisa vencer barreiras, preconceitos e adaptar-se ao novo contexto em que se encontra a economia, inserindo-se ao novo modelo de organização industrial. E com a expansão da economia, o ritmo progressivo da industrialização e o gradativo aumento da urbanização foram fatores cruciais que colaboram para incorporação dos empregos femininos.

O crescimento da atividade feminina no mercado de trabalho brasileiro, em especial ao Nordeste, é resultado de algumas dessas transformações nas últimas décadas, dentre elas, a queda na taxa de fecundidade, o envelhecimento da população, a redução no tamanho das famílias, e o crescimento da escolaridade entre as mulheres brasileiras. Embora reconheça que a escolaridade seja um dos principais fatores para se conseguir emprego, infelizmente as mulheres precisam de uma formação educacional superior à dos homens para ter acesso às mesmas oportunidades que eles, o que já indica uma desigualdade de condições.

No entanto, mesmo com essa evolução das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, o Nordeste ainda se destaca como um dos maiores em grau de desigualdade, e por isso a escolha desse tema, que irá discorrer sobre a evolução e ainda a disparidade ainda presente nos anos atuais entre o sexo feminino e masculino.

Com isso, iremos notar que os padrões evoluíram e que as mulheres se destacaram de outra forma no século atual. Houve mudanças nas perspectivas da mulher atual em relação aos anos de 1970. Tabus foram quebrados, e a mulher busca cada vez pela sua independência e igualdade com os homens, alcançando cargos jamais alcançados por mulheres antes.

Não temos dúvida da importância da história da inserção da mulher no mercado de trabalho, por toda sua trajetória, limitações, e por todo o desenvolvimento do trabalho feminino atualmente. Neste estudo será mostrado um pouco da história da participação da mulher no mercado de trabalho, com seus obstáculos iniciais. Perante esse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar o emprego no Nordeste, nos anos de 2012 a 2018, com relação ao segmento feminino.

Este trabalho estará dividido em cinco seções, incluindo essa introdução que contém informações sobre a natureza e a importância desse trabalho, assim como o motivo de estudo: a participação da mulher no emprego formal do Nordeste.

Na segunda seção, apresenta-se a revisão de literatura sobre o assunto estudado, abordando o mercado de trabalho e seus indicadores.

A terceira seção trará a metodologia aplicada neste trabalho.

A quarta seção trará os resultados desse trabalho, de forma a verificar os objetivos propostos. Nesse caso, será feita uma comparação da participação feminina no mercado de trabalho nordestino em relação ao masculino, analisando o número de empregos formais, a natureza do vínculo empregatício e o tamanho do estabelecimento. Em seguida realizar uma caracterização do perfil feminino no mercado de trabalho formal, analisando o perfil etário, situação educacional, remuneração média e tempo de serviço, e por último uma verificação da absorção da mão de obra feminina por setor e subsetor de atividade.

A quinta e última seção do trabalho trará as considerações finais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será exposto o conceito de mercado de trabalho, assim como seus indicadores como perspectivas para análise do mercado de trabalho feminino no Nordeste.

### **Mercado de trabalho**

De acordo com Ramos (2007), a relevância do mercado encontra-se no fato de que os locais onde os indivíduos ajustam o seu ativo, que é a competência laboral aos preços definidos. Diante disso, o mercado de trabalho é acima de tudo, um espaço de socialização do indivíduo, além de ter sua significativa importância no setor econômico.

As particularidades demográficas da população, as alterações nas estruturas de pessoas ocupadas e desocupadas, o nível de escolaridade, o perfil etário e o diferencial de rendimentos evidenciam a oferta de trabalho. Por outro lado, o que classifica a demanda por trabalho é destacado pela demanda por mão-de-obra mais qualificada e com a redução de empregos em alguns setores da economia em desfavor de outros setores.

Agora entendendo o mercado de trabalho sob a perspectiva da oferta e demanda de trabalho, sabemos que os aspectos demográficos da população, modificações na formação de pessoas ocupadas e desocupadas, o perfil etário, o nível de escolaridade e o diferencial de rendimentos evidenciam a oferta de trabalho. Já a demanda por mão-de-obra mais qualificada, diminuições de empregos em alguns setores da economia especificam a demanda por trabalho. (SILVA; CUNHA, 2009).

Dessa forma entende-se que o mercado de trabalho atua numa troca de conexões, tanto econômicas, como sociais, fazendo com que o trabalho tenha seu espaço sendo valorizado por sua oferta e por sua demanda.

Já de acordo com Souza (1978), o mercado de trabalho faz uma ligação às pessoas que contribuem mão-de-obra com aquelas que procuram trabalho em um sistema de mercado característico. Nessa organização de mercado, os tratados são conduzidos para estabelecer o número e o preço de transações. No seu estudo, pretende levar em consideração as circunstâncias econômicas e sociais de um país,

região ou cidade, para entender e antecipar a interação entre esses dois grupos. A vista disso é possível abranger possibilidades de trabalho relacionadas, a empresas privadas, economias mistas, pessoas físicas, etc., tal como suas regras de benefícios, salários, cargos, condutas para os profissionais que almejam vincular-se nessas áreas.

Podemos classificar também, o mercado de trabalho em formal e informal. Sendo o formal, aquele que considera as normatizações contratuais de trabalho, já o mercado informal, predomina regras de funcionamento com um mínimo de interferência governamental, segundo Chahad (1999). No entanto, mesmo que o mercado informal tenha uma significativa importância no desenvolvimento da economia, neste trabalho será analisado somente o mercado formal.

Contudo é importante destacar, a ambiguidade do conceito de trabalho informal. Até os anos 1970, o setor informal era visualizado como conjunto de atividades e ocupações precárias, onde o mesmo não era valorizado devido ser considerado como um fraco desempenho da economia, incapaz de empregar um excedente de força de trabalho. A informalidade mostrava-se como uma maneira alternativa de sobrevivência e que o desenvolvimento econômico por meios de alguns mecanismos de incorporação por si só fosse responsável para banir essa situação desvantajosa, mas também transitória. São muitos motivos que levam as pessoas à informalidade. Todavia, no final dos anos 1970, esse conceito já não era o bastante, devido ter permitido interpretações duas e vedadas para o mercado de trabalho.

Existem diversos motivos que levam as pessoas à informalidade. Uma das razões principais surge da desconformidade existente entre as condições do mercado de trabalho formal e as exigências de qualificação. Sabemos que a impossibilidade de encontrar um emprego formal e/ou a perspectivas de baixos salários mantém a subordinação das relações econômicas informais. No entanto, mesmo que a entrada na informalidade possa ser voluntária ou involuntária, muitas vezes, as pessoas escolhem continuar nesse lado como forma de vida, e não como momento de espera de chances no mercado formal.

Segundo Chahad (1999), o mercado de trabalho, na circunstância economia, não pode ser estudado isoladamente, visto que suas principais variáveis

(produtividade, rotatividade, emprego, desemprego, salários) são instruídas pelo nível e pela oscilação da atuação econômica. Sendo assim, um avanço econômico para longo prazo, conduz a uma elevação dos principais indicadores do mercado de trabalho.

Para melhor compreensão dos indicadores do mercado de trabalho, serão abordados no próximo tópico os principais indicadores.

### **Indicadores do Mercado de Trabalho**

Para uma melhor avaliação do desempenho e diagnóstico da conduta da economia do mercado de trabalho, ele possui alguns indicadores. Para um melhor entendimento, segue alguns indicadores e suas definições segundo conceito do IBGE.

1) **População em Idade Ativa (PIA):** Abrange o conjunto de pessoas teoricamente aptas a operar uma atividade econômica de acordo com a faixa etária. É composta daquelas pessoas com mais de 16 anos e menor de 65, compreende a população economicamente ativa e a população não economicamente ativa.

2) **População em idade Não Ativa (PINA):** Abrange o conjunto de pessoas que pelo perfil etário não estão aptas para operar uma atividade econômica. Compreende pessoas com menos de 16 anos e mais de 65 anos.

3) **População Economicamente Ativa (PEA):** Compreende como mão de obra com a qual o setor produtivo pode contar, ou seja, a população ocupada e a população desocupada, de acordo com o IBGE, são definidas da seguinte forma:

3.1 **Empregados:** Aqueles que trabalham para um empregador ou mais, exercendo uma jornada de trabalho, recebendo em troca uma remuneração em dinheiro ou outra forma de pagamento (moradia, alimentação, etc.) E podem ser classificados mesmo havendo carteira de trabalho assinada ou não.

3.2 **Conta Própria:** Aqueles que exercem sua atividade profissional sem vínculo empregatício, por conta própria e com assunção de seus próprios riscos. A prestação de serviços é de forma eventual e não habitual.

**3.3 Não Remunerados:** Aqueles que exercem uma ocupação econômica, sem remuneração, na atividade econômica desenvolvida por membros da unidade domiciliar na produção de bens e serviços.

**3.4 Empregadores:** Aqueles que exercem uma profissão ou ofício, com um ou mais empregados.

**3.5 População Desocupada:** Aqueles que não têm trabalho, mas estão dispostos a trabalhar, e que para isso, tomam alguma medida concreta de maneira a iniciar ou retornar para o mercado de trabalho.

4) População Não Economicamente Ativa (PNEA): Aqueles que não são classificados como ocupados ou desocupados, ou seja, pessoas impossibilitadas de trabalhar, ou que desistiram de trabalhar, ou que não querem trabalhar mesmo. Neste indicador estão incluídos os incapacitados, os estudantes e aqueles que são responsáveis pelas atividades domésticas. É incluindo também os “desalentados”, que são as pessoas em idade ativa que já não procuram trabalho. O IBGE considera o desalentado aqueles que estão desempregados e não procuram emprego há mais de um mês.

5) Índice de Emprego: Aponta os trabalhadores empregados e disponíveis. Vale ressaltar que esse índice discorre como uma ligação entre o total do volume de pessoas empregadas e a força de trabalho.

6) Taxa de Desemprego: Indicador que possibilita a contabilização dos indivíduos que são capazes para o trabalho, portanto, o que estão inseridos nas pessoas em idade ativa, no entanto se encontram nas pessoas não economicamente ativas devidos estarem procurando emprego, mas não conseguem a ocupação.

Em suma, esses são alguns indicadores do mercado de trabalho onde através deles é possível fazer um estudo de suas características e situações, eles irão possibilitar nesse estudo, tanto uma reflexão sobre o emprego e desemprego, quanto avaliar o comportamento da economia no segmento emprego feminino.

## **METODOLOGIA**

Esse estudo considera a evolução do emprego feminino formal na região Nordeste entre 2010 e 2018. Essa é uma pesquisa de caráter descritiva e bibliográfica. Foi realizada uma análise de dados com várias referências sobre o tema abordado, sendo caracterizada pelo levantamento bibliográfico através de banco de dados, livros, artigos, sites, jornais e revistas com a finalidade de analisar os objetivos propostos na introdução deste trabalho.

Esse estudo se classifica como descritivo por se tratar de um trabalho que expõe as características de um grupo, no caso, as mulheres, de acordo com os objetivos já mostrados.

As informações utilizadas nos objetivos, para elaboração de tabelas, tiveram como referências os anos de 2012 a 2018 e foram baseados nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho do Emprego (MTE). A base de dados da RAIS é um registro administrativo do Ministério do Trabalho, representando, praticamente, um censo anual do mercado formal brasileiro, na medida em que todas as empresas formais são obrigadas a declará-las. Em resumo, todas as informações da RAIS referem-se aos trabalhadores do mercado formal.

De acordo com o Manual de Treinamento do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), sua base estatística é utilizada nos dados de estabelecimentos e vínculos empregatícios. A RAIS estabelecimento é composta por todos os estabelecimentos com vínculo e sem vínculo declarado. Já a RAIS empregados é constituída por todos os vínculos declarados, ativos e não ativos em 31/12. A unidade de armazenamento das bases em nível de estabelecimento é o próprio estabelecimento, já a unidade de armazenamento das bases em nível de trabalhador é o vínculo.

Os dados deste estudo foram coletados através da base de dados de empregados. Foram analisados os dados empregados com vínculo empregatício ativo. A base de empregados é composta por dados geográficos, ocupacional, setorial, regional, individual, vínculo e estabelecimento.

Diante disso, a próxima seção abordará o emprego feminino formal no Nordeste, nos anos de 2012 a 2018, com a finalidade de estudar os objetivos propostos na introdução.

## **A MULHER NORDESTINA NO MERCADO DE TRABALHO**

A participação da mulher no mercado de trabalho tem sido mais acentuada nas últimas décadas, notadamente a partir da década de 1970. Esse processo de expansão acompanhou o desenvolvimento da economia com o acelerado processo de industrialização e urbanização. Isto remanesce durante os demais anos, na década de 1990, onde foi um período marcado pela alta da abertura econômica, queda nos investimentos e pela terceirização da economia, que continuou a predisposição da crescente admissão da mulher na força de trabalho. No entanto, ligado ao progresso da incorporação do trabalho feminino nas atividades econômicas, também “incrementa-se o desemprego feminino, indicando que o aumento de postos de trabalho para mulheres não foi suficiente para absorver a totalidade do crescimento da PEA feminina”. (HOFFMANN E LEONE, 2004, p. 36).

De acordo com o IBGE, é apontado que no Brasil, nas atividades de afazeres domésticos, as mulheres trabalham, em média, o dobro dos homens. Enquanto os homens dedicam aproximadamente onze horas semanais a afazeres domésticos, já as mulheres, se dedicam em média 21,4 horas semanais (IBGE 2020). Partindo desse ponto de vista, ainda segundo o IBGE (2018), as mulheres trabalham cerca de 3 horas diárias a mais que os homens, incluindo esses afazeres domésticos, combinando com as atividades remuneradas e os cuidados de pessoas.

No entanto, mesmo com os fatores tradicionais que afetam a inserção da mulher no mercado de trabalho, temos destaque em alguns determinantes que contribuíram para o crescimento das mesmas em ocupações trabalhistas, em particular no próprio entorno famílias, com a decisão delas de fazerem parte da força de trabalho, que afetam esses fatores tradicionais. Além da considerável redução na taxa de fecundidade, a diminuição no número de casamentos formais (Camarano e Fernandes, 2014).

Alternativa que configurou essa inserção como ponto positivo das mulheres no mercado de trabalho, foi à oferta de creches, que foi significativa para a tomada de decisão delas para a entrada no mercado de trabalho. Com o acesso a essas creches ou pré-escola para o cuidado das crianças em períodos integrais, aumenta a participação das mulheres no emprego formal e eleva o número de horas trabalhadas

das mães. Ou seja, a oferta de creches gratuita e de qualidade tem tudo a ver com o desenvolvimento profissional, social e econômico do país. No entanto, mesmo sendo uma política que contribui, segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (Pnad), um terço das crianças de 0 a 3 anos mais pobres do Brasil, ainda estão fora das creches por falta de vaga, devido à oferta dessas creches ainda serem muito escassas.

Assim, sem acesso a rede pública universalizada de cuidados para crianças de até três anos, as trabalhadoras com filhos pequenos sofrem uma série de exclusões no mercado corporativo, o que prejudica a inserção e o desenvolvimento profissional feminino, caracterizando esse meio como uma alternativa que ainda precisa melhorar muito.

Analisando, o nordeste brasileiro, é uma das regiões com os menores indicadores socioeconômicos e analisar a questão da desigualdade de gênero se torna de suma importância. Diante dessa circunstância de crescimento na economia do nordeste, essa seção discutirá o emprego feminino na região Nordeste, nos anos de 2012 a 2018, com associação ao perfil, participação e a absorção de mão de obra por setores de atividade, com o propósito de examinar os objetivos apresentados neste estudo.

### **Mercado de trabalho no Nordeste: Contextualização Histórica**

O mercado de trabalho formal no Nordeste foi evoluindo de acordo com as crescentes transformações, onde elas estão associadas à recuperação da economia, a metodologia de inserção de parcela considerável da população no mercado de bens e serviços, e em específico a diminuição dos níveis de pobreza no país e na região, de acordo com as análises de várias instituições que foram identificadas pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-Rio) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de acordo com Guimarães Neto (2014).

O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho foi uma das mais marcantes transformações que ocorreram no país desde os anos 1970, que não seria diferente com as mulheres nordestinas. Diversos são os motivos que explicam o ingresso das mulheres a partir desses anos. A necessidade econômica, que se acentuou com a deterioração dos salários reais dos trabalhadores e que os

submeteram a buscar um incremento para renda familiar, entre outras razões que explicam esse movimento feminino.

Nos anos 1970, o Brasil passava por uma nova estrutura econômica e política, já que tinha como forma de governo a ditadura militar, com a industrialização e urbanização que até então não era destacado como um grande desenvolvimento. Com essa nova organização, ocasionou a incorporação da mulher no trabalho. O país consolidou a industrialização, modernizou os instrumentos produtivos, por outro lado a custo do aumento das desigualdades sociais e da concentração de renda.

Porém, mesmo com essas diferenças, como resultado dessas intensas transformações nos padrões de comportamento e os valores relativos ao papel social da mulher otimizada pelos impactos de movimentos feministas, facilitaram a oferta de trabalhadoras.

Com isso, na década de 1980, o mercado de trabalho não conseguiu incorporar a demanda que até então era predominantemente de homens, e por esse motivo, as mulheres aumentaram sua participação em empregos informais, sem registro em carteira, sem direitos trabalhistas e com grandes diferenças salariais. No entanto, um fato de extrema relevância ocorreu nessa década, em 1988 mais específicos, onde na Constituição Brasileira, a mulher conquistou a igualdade política e jurídica referente ao homem, diante disso, a competência que a mulher já tinha de exercer funções denominadas de homens, passa a ser uma obrigação da sociedade e da justiça. Partes das mulheres se dedicaram aos trabalhos domésticos e oferta de serviços de limpeza como diarista, profissão regulamentada por um período com perdas desse direito com a recomposição do neoliberalismo.

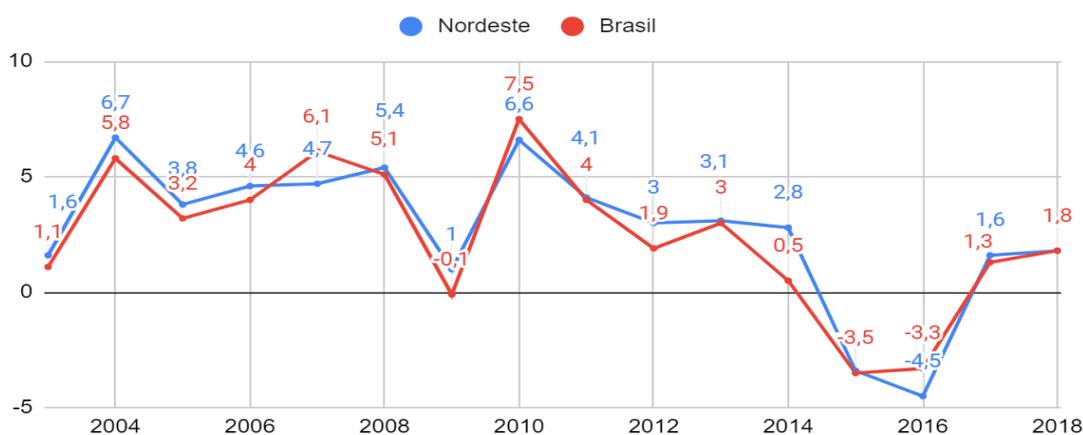
De acordo com Guimarães Neto (2014), os anos de 1980 e 1990 foram marcados por ser uma fase intensa do processo de desestruturação, no qual suas características mais relevantes, segundo alguns estudos efetuados, são a debilitação das relações de trabalhos, com o crescimento considerável da informalidade das relações de trabalho, o aumento do desemprego, a diminuição do assalariamento de acordo com a expansão dos trabalhadores autônomos.

Por essas razões, muitas mulheres, se preparavam estudando e investindo em cursos para ocupar e desempenhar cargos que para os homens não seria necessariamente uma qualificação.

Já nos anos 2000, a economia brasileira, mais especificamente, o Nordeste, iniciou um processo de recuperação, que foi marcado pelo crescimento econômico e pela recuperação do emprego, que se refletiu em uma redução do desemprego, onde teve um forte impacto no mercado de trabalho. (Costa, 2008)

Nos anos de 2002 a 2018, segundo dados do IBGE (2018), a economia nordestina teve alguns destaques com a taxa de crescimento acima da média nacional, conforme mostrado no gráfico 1.

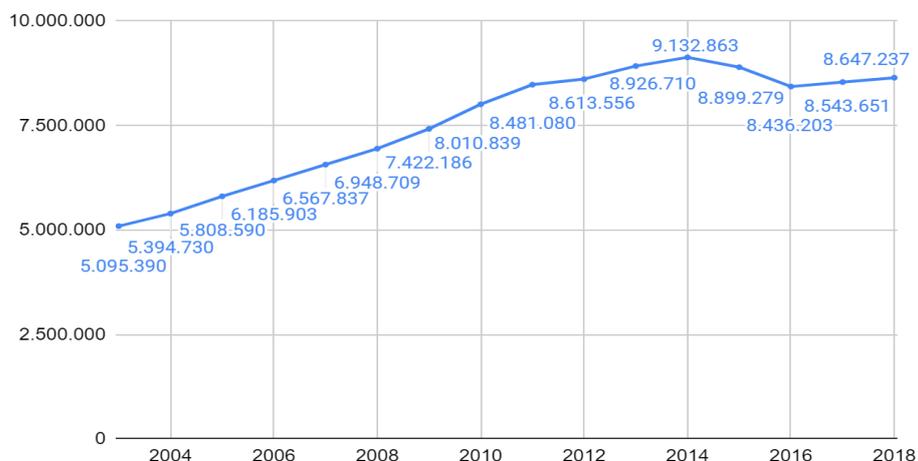
Gráfico 1 - Nordeste e Brasil: Evolução da taxa de crescimento do PIB - 2003 a 2018 (%).



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019).

Com este cenário, é possível observar que a economia nordestina é mais volátil do que a brasileira. Quando as duas caem, a nordestina cai mais e quando as duas sobem, a nordestina sobe mais. Isso foi refletido no mercado de trabalho, visto que se evidencia o progresso com relação ao número total de empregados, com vínculo empregatício ativo, no mercado formal no Nordeste no período de 2012 a 2018. Nota-se pelo Gráfico 2.

Gráfico 2 - Empregos formais em 31/12, segundo os anos selecionados no Nordeste.

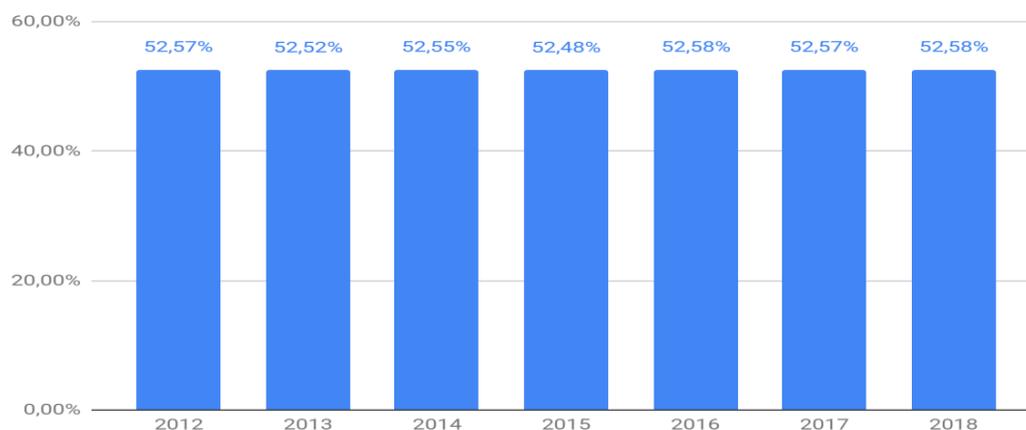


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Diante desse contexto, fazendo uma análise dos dados do Mercado de Trabalho formal no Nordeste, as alterações mais significativas ocorreram entre as mulheres, esboçando um cenário de crescente participação feminina, consolidando sua presença no mundo laboral da região.

Embora esse processo esteja ocorrendo de forma lenta, é importante ressaltar que as mulheres constituem um segmento populacional significativo para as economias nacionais. Conforme mostrado no Gráfico 3, analisando os anos de 2012 a 2018, observa-se que em média 52,55% de toda a força de trabalho existente no Nordeste é composta por mulheres.

Gráfico 3 - Proporção da População Feminina na PEA, Nordeste 2012 a 2018.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados SIDRA/IBGE 2021

Diante dessa abordagem sobre o mercado de trabalho no Nordeste, a seguir será feita uma comparação da participação feminina no mercado de trabalho formal nordestino em relação à masculina.

### **Comparativo da Participação Feminina no Mercado de Trabalho Formal nordestino em relação à Masculina.**

Nesse tópico serão apresentados dados que analisem a participação da mulher com vínculo empregatício ativo em relação a do homem no mercado formal nos anos de 2012 a 2018.

A tabela 1 apresenta a participação dos empregados por gênero no mercado formal no Nordeste. Em termos percentuais, percebe-se que no período em estudo, há predominância do gênero masculino empregado no mercado formal, no entanto, ocorre uma queda de 1,97 pontos percentuais, dado que no ano de 2012 a porcentagens em relação ao número de empregados era 58,09% e no ano de 2018, esse percentual caiu para 56,12%, implicando conseqüentemente em um ligeiro aumento na participação das mulheres empregadas, onde em 2012 correspondiam 41,91% das vagas do mercado formal e aumentaram para 43,88% em 2018.

Tabela 1 - Número de empregos formais, segundo gênero - Nordeste - 2012 a 2018.

<b>Gênero</b>	<b>Masculino</b>		<b>Feminino</b>	
	<b>Empregos</b>	<b>(%)</b>	<b>Empregos</b>	<b>(%)</b>
<b>2012</b>	5.004.007	58,09	3.609.549	41,91
<b>2013</b>	5.162.017	57,83	3.764.693	42,17
<b>2014</b>	5.228.804	57,25	3.904.059	42,75
<b>2015</b>	5.040.670	56,64	3.858.609	43,36
<b>2016</b>	4.744.216	56,24	3.691.987	43,76
<b>2017</b>	4.795.407	56,13	3.748.244	43,87
<b>2018</b>	4.852.875	56,12	3.794.362	43,88
<b>Total</b>	34.827.996	56,91	26.371.503	43,09

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Em relação aos números de empregos femininos, em termos absolutos, nota-se o aumento do número de emprego das mulheres, o que reflete no fortalecimento da mulher no mercado formal.

No ano de 2012 o percentual das mulheres correspondia 41,91% do total de empregos formais, enquanto que os homens 58,09%, no entanto embora o percentual masculino for acima do das mulheres, no ano de 2013 e 2014, no masculino houve uma diminuição nos pontos percentuais, enquanto que no feminino ocorreu um aumento no percentual. No ano de 2015, ambos os sexos caíram tanto em termos absolutos quanto no percentual.

No ano de 2016, essa queda nos empregos formais se repete em ambos os sexos, no entanto, o percentual feminino tem um crescimento referente ao ano de 2016. Já nos anos de 2017 e 2018, esse aumento no número de empregos formais tanto no masculino, quanto no feminino se repetem.

De acordo com o total de mulheres empregadas, do ano de 2012 a 2018 houve um crescimento de 5,12 p.p, o que representa um progresso na participação da mulher no mercado formal no Nordeste. E no que diz respeito ao segmento masculino, houve uma diminuição de 3,02 p.p de homens empregados conforme os anos estudados.

Apesar da participação da mulher ter aumentado no Nordeste em termos absolutos, a parcela do mercado de trabalho com relação ao homem, mesmo com o contínuo crescimento de empregos femininos, ainda é menor devido a toda história de inserção da mulher no mercado de trabalho, tardia com relação ao homem.

### **Natureza de vínculo empregatício**

Em relação ao vínculo contratual das mulheres no mercado formal, percebe-se através da tabela 2 que 58,87% dos empregos ocupados por mulheres no ano de 2012 eram regidos pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). Estatutário correspondia a 38,94% dos empregos segundo o tipo de vínculo, e por fim a outros (2,19%).

No ano de 2013 ocorreu uma ligeira queda no percentual de empregos regidos pelo CLT e Estatutário, enquanto que em Outros houve um pequeno crescimento nos pontos percentuais, de 2,19% para 2,92%.

Tabela 2 - Emprego feminino, segundo natureza vínculo empregatício (%) - Nordeste 2012 a 2018.

<b>Tipo de Vínculo</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>CLT</b>	58,87%	58,36%	59,81%	59,33%	59,85%	58,41%	58,44%
<b>Estatutário</b>	38,94%	38,71%	37,31%	37,18%	37,27%	38,14%	37,79%
<b>Outros</b>	2,19%	2,92%	2,88%	3,50%	2,88%	3,45%	3,77%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Analisando os demais anos, em 2014, nos empregos regidos pelo CTL, houve um crescimento de 1,45 p.p, significando que neste ano, 59,81% das mulheres empregadas, eram registradas no CLT, nos demais regimes contratuais houve uma ligeira queda em relação ao ano de 2013. É importante ressaltar que não houve um crescimento ou queda constante no percentual dos regimes contratuais nos anos analisados, de acordo com a tabela 2, na medida em que em um ano o percentual aumentava ou diminuía em determinado ano, no próximo ocorria o contrário.

Essa variação se repete nos demais anos. No ano de 2018 relacionado ao ano de 2012, observa-se que a participação das mulheres empregadas com o regime CLT, ocorreu uma diminuição (4,35 p.p). Já no regime estatutário, mesmo o percentual sendo menor no ano de 2018 em relação a 2012, o número de mulheres empregadas regidas por esse sistema contratual aumentou (2,03 p.p). O maior destaque em crescimento de números de empregos foi de outros, onde teve uma taxa de crescimento de 80,75%.

Com relação ao vínculo contratual dos homens no mercado formal, percebe-se através da tabela 3 que 79,75% dos empregos ocupados por homens no ano de 2012 eram regidos pela CLT. Com relação ao ano de 2018, a participação dos homens empregados pela CLT passa para 76,35%, uma queda de 3,4 p.p comparado ao ano de 2012. Com relação à contratação pelo regime estatutário, observa-se que a participação dos homens empregados através desse regime teve um aumento de 2,67 p.p no ano de 2012 para o ano de 2018. Já no que diz respeito a outros tipos de regimes contratuais de trabalho, houve um aumento de 0,72 p.p.

Tabela 3 - Emprego Masculino, segundo natureza vínculo empregatício (%) - Nordeste 2012 a 2018.

<b>Tipo de Vínculo</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>CLT</b>	79,75%	78,82%	78,91%	78,08%	78,23%	76,54%	76,35%
<b>Estatutário</b>	18,42%	18,98%	18,96%	19,46%	19,63%	21,04%	21,10%
<b>Outros</b>	1,83%	2,20%	2,13%	2,47%	2,15%	2,43%	2,55%
<b>Total</b>	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Mediante a análise das tabelas 2 e 3, observou-se que apesar da maior parcela de homens no mercado de trabalho formal no Nordeste, houve um maior crescimento das mulheres contratadas pelo regime estatutário e outros tipos de regime. A participação das mulheres que foram contratadas por regime estatutário diminuiu do ano de 2018 em relação a 2012, mas no ano de 2012, ainda é superior ao percentual masculino registrado em 2019.

### **Tamanho do Estabelecimento**

Com relação ao tamanho do estabelecimento, as mulheres apresentam participação mais elevada em grandes estabelecimentos do que os homens. Com os dados da tabela 4, em 2012, as mulheres eram 47,72% das empregadas em grandes estabelecimentos, esse percentual tem uma ligeira queda em 2013. Essa diminuição ocorreu nos anos de 2015 a 2016. Destacando 2016 com o menor percentual de empregos femininos em grandes estabelecimentos nos anos estudados. Em 2017, esse número voltou a crescer, se repetindo em 2018, correspondendo a 46,28% dos empregos femininos em grandes estabelecimentos.

Já os homens, segundo a tabela 5, em 2012 esse valor é 35,48% dos empregados em grandes estabelecimentos. O ano de 2016 também está caracterizado como menor percentual em estabelecimentos com 500 ou mais empregados (33,82%). Em 2018, em comparação com o ano de 2012, ocorreu uma queda de 0,79 p.p nesse segmento.

Tabela 4 - Emprego Feminino, segundo tamanho de estabelecimento (%) - Nordeste - 2012 a 2018.

Tamanho do Estabelecimento	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
<b>Micro (1 a 19)</b>	21,71%	21,94%	22,33%	23,03%	23,58%	23,08%	22,89%
<b>Pequena (20 a 99)</b>	14,26%	14,43%	14,68%	14,68%	14,64%	14,48%	14,66%
<b>Média (100 a 499)</b>	16,31%	16,04%	16,08%	15,94%	16,21%	16,23%	16,17%
<b>Grande (500 ou mais)</b>	47,72%	47,58%	46,91%	46,35%	45,57%	46,21%	46,28%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/TEM

Tabela 5 - Emprego Masculino, segundo tamanho de estabelecimento (%) - Nordeste - 2012 a 2018.

Tamanho do Estabelecimento	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
<b>Micro (1 a 19)</b>	22,93%	23,06%	23,78%	24,97%	26,14%	25,76%	25,41%
<b>Pequena (20 a 99)</b>	20,41%	20,66%	20,85%	20,69%	20,38%	20,15%	20,27%
<b>Média (100 a 499)</b>	21,18%	21,15%	20,61%	20,05%	19,66%	19,74%	19,63%
<b>Grande (500 ou mais)</b>	35,48%	35,13%	34,75%	34,28%	33,82%	34,35%	34,69%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Analisando a tabela 4 com um todo, notou-se que a maior participação das mulheres está nos estabelecimentos em que trabalham 500 ou mais empregados, em todos os anos analisados. O que fortifica a realidade da mulher crescendo cada vez mais no mercado de trabalho. Como o estabelecimento é categorizado de acordo com o número de empregados, isso resulta na ideia de que quanto maior o estabelecimento, maior a representatividade dele no mercado, e maiores são as oportunidades de empregados inseridos nesses estabelecimentos.

O segundo tamanho de estabelecimento que se destaca é a Micro. Tanto no feminino quanto no masculino. As mulheres em 2012 representavam 21,71% das empregadas em micro empresas. Esse percentual foi crescendo ao longo dos anos, até que nos de 2016 para 2017 tem uma pequena queda de 0,50 p.p, diminuindo também no ano de 2018.

Com isso, é possível concluir que os grandes estabelecimentos são os que mais absorvem a mão de obra feminina em ambos os anos. Também foi observada a crescente participação das mulheres em micro e pequenas empresas.

## Perfil do Emprego Feminino

Nesse tópico serão apresentados dados que identifiquem o perfil da mulher, com vínculo empregatício ativo, no mercado de trabalho formal no Nordeste.

### Perfil etário das mulheres

O estudo por grupos etários mostra que em 2012, 31,09% das mulheres com vínculo empregatício tinham entre 30 a 39 anos de idade. Essa faixa etária é classificada como a idade com maior número de mulheres com vínculo empregatício, como podemos observar na tabela 6.

Em 2013, esse percentual teve uma queda de 0,45 p.p, esse crescimento é crescente ao longo dos anos analisados, no entanto no ano de 2018, teve uma diminuição (0,10 p.p) em relação ao ano de 2017. Mesmo com essa queda, o percentual de mulheres empregadas na faixa de 30 a 39 anos correspondia a 32,48%, um crescimento de 1,39 p.p em relação ao ano de 2012, significando uma maior participação de mulheres com essa faixa de idade, conforme a tabela 6.

Tabela 6 – Porcentagem de Mulheres com vínculo empregatício, segundo faixa etária, nos anos de 2012 a 2018 – Nordeste.

<b>Faixa Etária</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Até 17 anos</b>	0,31%	0,29%	0,30%	0,28%	0,22%	0,18%	0,17%
<b>18 a 24 anos</b>	12,87%	12,81%	12,46%	11,81%	10,84%	10,28%	9,92%
<b>25 a 29 anos</b>	15,86%	15,82%	15,52%	14,75%	13,93%	13,41%	12,96%
<b>30 a 39 anos</b>	31,09%	31,54%	31,61%	32,02%	32,25%	32,58%	32,48%
<b>40 a 49 anos</b>	23,35%	22,98%	23,09%	23,44%	23,98%	24,53%	25,05%
<b>50 a 64 anos</b>	15,53%	15,53%	15,96%	16,55%	17,49%	17,64%	17,93%
<b>65 ou mais</b>	1,00%	1,02%	1,05%	1,15%	1,28%	1,38%	1,48%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE.

A segunda faixa etária que mais se destaca nos anos estudados, é a de 40 a 49 anos. Em 2012 ela correspondia a 23,35% das mulheres com vínculo empregatício. Em 2013, ao contrário do crescimento da faixa de 30 a 39 anos, ela teve uma ligeira queda de 0,37 p.p, mas que logo se recupera no ano de 2014, crescimento esse que continua ao longo dos anos até 2018, com crescimento de 0,52 p.p em relação a 2017 onde as mulheres com empregos nessa faixa de idade correspondiam a 25,05%, observando um aumento no percentual de 1,70 p.p comparando com o ano de 2012, como nos mostra a tabela 6.

Agora analisando a faixa etária de mulheres com vínculo empregatício de 25 a 29 anos, do ano de 2012, ela é a terceira faixa com o maior número percentual com 15,86%. Em 2013, ela ainda continua nessa colocação, no entanto, inicia um processo de diminuição, se repetindo ao longo dos anos analisados. Do ano de 2015 para 2016, ocorreu uma queda significativa de 0,82 p.p. Em 2018, as mulheres com essa faixa de idade correspondiam a 12,96% dos empregos formais, resultando em uma diminuição no percentual de 2,05 p.p.

Já a faixa de 50 a 64 anos, em 2012, de acordo com a tabela 6, era a quarta faixa com o maior percentual em relação à faixa etária analisada, com 15,53%. Essa porcentagem se repete no ano de 2013, mas a partir de 2014, essa colocação ultrapassa a faixa de 25 a 29 anos (15,52%) com 15,96%, a partir daí, ela só cresce nos demais anos. Em 2016 houve um crescimento de 0,94 p.p, em relação ao ano de 2015, ao contrário do que ocorreu na faixa de idade de 25 a 29 anos nesse mesmo ano como foi mencionado no parágrafo acima. No ano de 2018 a porcentagem de Mulheres com vínculo empregatício nessa faixa etária, correspondia a 17,93%, representando a terceira maior faixa de idade com mulheres empregadas.

A faixa etária de 18 a 24 anos também se destaca com sua diminuição no percentual do total de mulheres com vínculo empregatício. Em 2012, essa faixa correspondia a 12,87% dos empregos femininos formais, e como aconteceu na faixa de 25 a 29 anos, a queda ao longo dos anos se repete. A maior diminuição dessa taxa também ocorreu nos anos de 2015 para 2016 (0,97 p.p). Em 2017 também sofreu uma diminuição comparando com o ano de 2016, se repetindo em 2018, representando a faixa de idade de 18 a 24 anos das mulheres empregadas em 9,92 p.p.

Embora a faixa de 65 anos ou mais seja a segunda maior, atrás apenas da faixa etária de até 17 anos, das mulheres com vínculo empregatício, ela teve um aumento significativo na sua taxa de crescimento, com iremos observar na tabela 7. Em 2012, esse percentual correspondia a apenas 1% dos empregos femininos formais, no entanto como ocorreu nos anos de 30 a 64 anos, essa porcentagem foi se elevando ao longo dos anos. Em 2013, teve um ligeiro aumento de 0,02 p.p, em 2014, também de apenas 0,03 p.p, já em 2015, esse crescimento é de 0,10 p.p. Em 2018 essa faixa de idade representa 1,48% das mulheres empregadas, correspondendo a um aumento de 0,48 p.p comparado ao ano de 2012.

Como podemos observar na tabela a maior representatividade das mulheres com vínculo empregatício está na faixa de 30 a 39 anos de idade em todos os anos analisados e a menor está na faixa até 17 anos de idade. Ou seja, na contratação dos empregos formais femininos, dos anos de 2012 a 2018, as mulheres com uma maior faixa de idade estão sendo mais empregadas do que os mais novos, como iremos analisar melhor na tabela 7.

Agora fazendo uma comparação dos anos de 2012 e 2018, de com acordo com a taxa de crescimento, analisando a tabela 7, o crescimento das mulheres de 65 ou mais anos foi de 56,45%, já as de 50 a 64 anos de idade foi de 21,39%, marcando as maiores taxas com base nos anos analisados. Realidade que pode ser justificada pela carência de experiência e qualificação dos mais jovens, conforme IPEA em 2013. “A alta rotatividade e a instabilidade da ocupação contribuem mais para os elevados índices de desemprego entre jovens que a falta de vagas de trabalho.”

Diante disso, nota-se que para determinados trabalhos, a experiência dos mais velhos acabam sendo mais valorizadas, refletindo em um aumento do número de idosos no mercado de trabalho, conforme a tabela 7.

A terceira maior taxa foi a do grupo etário de 40 a 49 anos, representando um crescimento de 12,77%. A quarta maior taxa foi a da faixa etária de 30 a 39 anos, com uma taxa de crescimento de 9,80%, que intensifica a informação que as mulheres com mais experiência no mercado de trabalho, estão crescentes no mercado formal do Nordeste. Com relação às mulheres de 18 a 24 anos, houve uma queda no número

de empregos femininos do ano de 2012 para 2018, 18,9%. Já no grupo etário de 10 a 17 anos, houve uma redução no número de empregos formais, conforme tabela 7.

Tabela 7 - Total de Mulheres com vínculo empregatício, segundo faixa etária, nos anos de 2012 e 2018 – Nordeste.

<b>Faixa Etária</b>	<b>2012</b>	<b>2018</b>	<b>Taxa de Crescimento (%)</b>
<b>Até 17 anos</b>	11.046	6.561	-40,60
<b>18 a 24 anos</b>	464.407	376.386	-18,95
<b>25 a 29 anos</b>	572.462	491.878	-14,07
<b>30 a 39 anos</b>	1.122.306	1.232.341	9,80
<b>40 a 49 anos</b>	842.755	950.408	12,77
<b>50 a 64 anos</b>	560.517	680.440	21,39
<b>65 ou mais anos</b>	36.005	56.333	56,45
<b>Total</b>	<b>3.609.549</b>	<b>3.794.362</b>	<b>5,12</b>

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

De uma forma geral, conclui-se que a faixa etária de 30 a 65 anos se destaca na taxa de crescimento, e correspondem a maior representatividade das mulheres com vínculo empregatício dos anos de 2012 a 2018.

### **A situação educacional das mulheres.**

Bem como sabemos, a educação é de extrema importância para a vida das pessoas. Diante do mercado de trabalho cada vez mais concorrido, ser bem instruído é fundamental para as boas oportunidades de emprego. Baseado nisso, será analisado neste tópico o perfil educacional das mulheres com vínculo empregatício no mercado formal no Nordeste.

Analisando o nível de escolaridade das mulheres com vínculo empregatício, através da tabela 8, destaca-se o Médio Completo, que em todos os anos estudados, corresponde a mais da metade das mulheres empregadas no Nordeste. No ano de 2012, esse grau de instrução correspondia a 51,23% dos empregos femininos formais, em 2013 ocorreu uma diminuição desse percentual para 51,09%, já no ano de 2014

passa-se para 51,97%, com uma variação de 0,88 p.p. Nos demais esse aumento não se repete e vai diminuindo até o ano de 2018, onde as mulheres com o médio completo representam 50,44% dos empregos formais, como se observou na tabela 8.

Tabela 8 – Emprego feminino, segundo grau de instrução – Nordeste - 2012 a 2018 (%).

<b>Escolaridade após 2005</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Analfabeto</b>	0,13%	0,12%	0,10%	0,15%	0,15%	0,15%	0,14%
<b>Até 5ª Incompleto</b>	1,94%	1,78%	1,62%	1,54%	1,45%	1,31%	1,28%
<b>5ª Completo Fundamental</b>	1,76%	1,69%	1,45%	1,37%	1,34%	1,22%	1,07%
<b>6ª a 9ª Fundamental</b>	3,58%	3,23%	2,94%	2,76%	2,70%	2,40%	2,24%
<b>Fundamental Completo</b>	7,39%	7,28%	6,65%	5,78%	5,61%	5,29%	4,86%
<b>Médio Incompleto</b>	4,76%	4,48%	4,29%	4,57%	4,33%	3,97%	3,26%
<b>Médio Completo</b>	51,23%	51,09%	51,97%	51,80%	51,36%	50,82%	50,44%
<b>Superior Incompleto</b>	4,63%	4,22%	4,16%	4,30%	4,23%	4,13%	4,10%
<b>Superior Completo</b>	23,63%	25,19%	25,71%	26,56%	27,47%	29,28%	31,05%
<b>Mestrado</b>	0,85%	0,81%	0,94%	0,96%	1,12%	1,15%	1,19%
<b>Doutorado</b>	0,10%	0,12%	0,17%	0,19%	0,23%	0,28%	0,36%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/TEM

Em seguida vem o Superior Completo, representando no ano de 2012, 23,63% das mulheres empregadas com esse grau de instrução. Em 2013, esse percentual aumentou 1,56 p.p, correspondendo a 25,19%. Nos demais anos esse crescimento continua, até que em 2018, o percentual de mulheres com empregos formais com o superior completo, é 31,05%, significando um aumento de 7,42 p.p, em relação ao ano de 2012, o que nos mostra que as mulheres com uma graduação completa estão conquistando progressivamente o mercado de trabalho formal.

Já em relação ao Mestrado e Doutorado, podemos observar que eles tiveram um crescimento em todos os percentuais dos anos estudados. O mestrado em 2012 correspondia a 0,85% do total das mulheres empregadas, teve uma queda em 2013 para 0,81%, mas a partir de 2014, teve um crescimento constante, onde em 2018

correspondia a 1,19%. No doutorado esse crescimento se repete, em 2012, ele representava 0,10% do total de mulheres empregadas e em 2018 correspondia a 0,36%, representando um aumento de 0,26 p.p.

Nos demais grau de instrução, exceto o analfabetismo, que teve uma média de 14% dos anos analisados do total de mulheres empregadas, houve uma queda no percentual, conforme a tabela 9 que nos mostra o número de mulheres empregadas, comparando os anos de 2012 e 2018, e sua taxa de crescimento.

Tabela 9 – Emprego feminino, segundo grau de instrução – Nordeste - 2012 e 2018.

<b>Escolaridade após 2005</b>	<b>2012</b>	<b>2018</b>	<b>Taxa de Crescimento (%)</b>
<b>Analfabeto</b>	4.867	5.345	8,94%
<b>Até 5ª Incompleto</b>	69.859	48.636	-43,64%
<b>5ª Completo Fundamental</b>	63.452	40.676	-55,99%
<b>6ª a 9ª Fundamental</b>	129.133	85.041	-51,85%
<b>Fundamental Completo</b>	266.694	184.293	-44,71%
<b>Médio Incompleto</b>	171.972	123.845	-38,86%
<b>Médio Completo</b>	1.849.141	1.913.949	3,39%
<b>Superior Incompleto</b>	167.154	155.561	-7,45%
<b>Superior Completo</b>	852.994	1.178.271	27,61%
<b>Mestrado</b>	30.572	45.045	32,13%
<b>Doutorado</b>	3.711	13.700	72,91%
<b>Total</b>	3.609.549	3.794.362	5,12%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Com relação ao ano de 2018, analisando os dados da tabela 9, as mulheres com 5ª ano Completo Fundamental tiveram uma queda no seu percentual de 55,99% em relação ao ano de 2012. As mulheres com médio completo representam 1.913.949 das mulheres empregadas. Enquanto que as mulheres com ensino fundamental completo, conforme foi feito a análise de 2018, representam 184.293 das mulheres com vínculo empregatício.

De acordo com a percentagem do nível de escolaridade das mulheres com vínculo empregatício ao decorrer dos anos de 2012 a 2018, nota-se que o Ensino Fundamental I, II e Médio Incompleto diminuíram, e que aumentou 3,39 p.p a participação das mulheres com ensino médio completo. Houve uma redução na participação das mulheres com nível superior incompleto.

No entanto, de acordo com as tabelas 8 e 9, ocorreram um aumento considerável nas mulheres com superior completo, um crescimento de 27,61%, Mestrado 32,13% e o doutorado que cresceu significante 72,91%, reforçando o que já foi mencionado anteriormente, quanto à questão do mercado de trabalho estão cada vez mais exigentes com o perfil de escolaridade dos empregados, exigindo uma instrução cada vez mais completa.

Agora no quesito comparativo com o masculino, como sabemos houve uma trajetória escolar desigual, associadas a papéis de gênero e à entrada precoce dos homens no mercado de trabalho, faz com que as mulheres tenham um maior nível de instrução. Segundo o IBGE, em média, as mulheres superam os homens nos indicadores educacionais, porém mesmo com os níveis de escolaridade maiores, as mulheres ainda enfrentam desigualdade no mercado de trabalho em relação aos homens.

### **Remuneração Média das mulheres**

Conforme os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e de acordo com o apresentado na tabela 10, compreende-se que as mulheres no geral, passaram a ter uma faixa salarial melhor, no entanto ainda menor em relação à dos homens, que será melhor exposto pela análise da participação da mulher.

De acordo com a tabela 10, é exposto o percentual das mulheres com vínculo empregatício formal no Nordeste de acordo com a sua faixa de remuneração média por salário mínimo ao longo dos anos de 2012 a 2018.

Nota-se que a faixa de mais de 1 a 2 salários mínimos são a única onde às mulheres em todos os anos estão acima dos 50%. No ano de 2012, essa remuneração correspondia a 55,99%, se repetindo em 2013, ocorreu uma queda em 2014 de 1,17 p.p, diminuição essa que sofre uma variação nos demais anos, no entanto a

dominação dessa faixa de salário não deixa de ser expressivamente significativa. Em 2018, esse percentual representa 54,38%, correspondendo a uma queda de 1,61 p.p em relação ao ano de 2012.

Essa diminuição se repete na faixa de remuneração média de até um salário mínimo. Em 2012, temos um percentual de 6,05%, havendo uma queda no ano de 2013 (5,82%). No ano de 2014, ocorreu novamente uma diminuição, conforme tabela 10. No entanto, no ano de 2016, houve um aumento em relação ao ano de 2015 de 0,17 p.p, aumento esse que continua nos anos de 2017 e 2018, significando que está ocorrendo o crescimento de mulheres empregadas com essa faixa salarial. Mas é importante ressaltar que a diminuição do percentual dessa remuneração média do ano de 2018 comparado a 2012, teve uma queda de 0,33 p.p.

Ou seja, mesmo que a maioria das mulheres empregadas recebendo essa faixa de salário de até dois salários mínimos, o percentual da mesma vem diminuindo, indicando diminuição das mulheres ganhando essa faixa salarial.

A faixa de remuneração média de 2 a 3 salários representa a segunda maior faixa de salários que as mulheres com empregos formais recebem. No ano de 2012, temos um percentual de 14,01%, em 2013 ocorre um aumento para 14,23%, progredindo até o ano de 2016, onde tem uma queda de 0,27 p.p em relação a 2015, mas logo se recupera em 2017, finalizando seu percentual em 2018 com 15,12%, significando um aumento de 1,11 p.p comparado ao ano de 2012.

Em seguida, vem à faixa de 3 a 5 salários mínimos. Como observado na faixa salarial anterior, nesta o crescimento se repete. Em 2012 o percentual dos empregos femininos que recebiam essa média de remuneração era de 11,44%, nos anos seguintes até 2015, esse crescimento se enfatiza. Em 2015, sofreu uma ligeira queda de 0,01 p.p que logo se recupera no ano de 2017. Em 2018 esse percentual corresponde a 12,10%, representando um aumento de 0,66 p.p em relação ao ano de 2012, indicando que o número de mulheres que recebem essa faixa salarial está crescendo.

A última faixa que apresentou crescimento do ano de 2012 a 2018 foi a de 5 a 10 salários mínimos. 7,82% eram o percentual dessa remuneração média em 2012, onde diferente das outras que tiveram crescimento, em 2013 cai para 7,75%, mas que

se recupera em 2014, com um crescimento de 0,32 p.p. Ocorreu uma queda novamente no ano 2016 e 2017, no entanto em 2018, teve um leve aumento, correspondendo a 7,99% das mulheres com essa faixa de salário.

No entanto, nas faixas de 10 ou mais salários observa-se que o percentual de mulheres empregadas que recebem essa faixa, é a menor entre as demais destacadas na tabela 10. Além de que ambas diminuíram o percentual ao longo dos anos estudados, o que significa que a parcela de mulheres ainda é menor em relação aos salários maiores, conforme tabela 10.

Tabela 10 – Emprego feminino, segundo faixa de remuneração, Nordeste - 2012 a 2018 (%).

<b>Faixa Remun Média (SM)</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Até 1 salário</b>	6,05%	5,82%	5,53%	5,43%	5,60%	5,65%	5,72%
<b>Mais de 1 a 2 sm</b>	55,99%	55,99%	54,82%	54,58%	55,17%	55,21%	54,38%
<b>Mais de 2 a 3 sm</b>	14,01%	14,23%	14,94%	14,96%	14,69%	14,81%	15,12%
<b>Mais de 3 a 5 sm</b>	11,44%	11,52%	11,79%	11,80%	11,79%	11,81%	12,10%
<b>Mais de 5 a 10 sm</b>	7,82%	7,75%	8,07%	8,13%	7,86%	7,75%	7,99%
<b>Mais de 10 a 20 sm</b>	2,74%	2,73%	2,81%	2,88%	2,67%	2,61%	2,66%
<b>Mais de 20 sm</b>	0,73%	0,71%	0,74%	0,75%	0,65%	0,64%	0,65%
<b>Sem declaração</b>	1,22%	1,25%	1,30%	1,47%	1,56%	1,52%	1,38%
<b>Total</b>	100,0%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/TEM

Analisando a tabela 10, observamos que à dominação das mulheres nordestinas com vínculo empregatício, se destacam naquelas que ganham de 1 a 2 salários mínimos. Nas demais faixas de remuneração, o sexo masculino se sobressai conforme iremos analisar na tabela 11, que mostra uma comparação do ano de 2012 e 2018 das mulheres e homens empregados de acordo com seu salário.

Tabela 11 - Emprego Feminino e Masculino, segunda faixa de remuneração, Nordeste 2012 e 2018.

Faixa Remun. Média (SM)	2012				2018				Tx. de Cresc. Feminino
	Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		
	Empregos	(%)	Empregos	(%)	Empregos	(%)	Empregos	(%)	
Até 1 salário	1.220.351	53,28	1.069.922	46,72	1.174.687	53,89	1.005.188	46,11	-3,74%
> 1 a 2 sm	11.285.537	47	12.725.123	53	11.172.402	47,86	12.169.449	52,14	-1,00%
> 2 a 3 sm	2.823.667	34,2	5.432.243	65,8	3.106.006	36,64	5.370.382	63,36	10,00%
> 3 a 5 sm	2.306.848	37,62	3.825.716	62,38	2.486.211	40,88	3.595.048	59,12	7,78%
> 5 a 10 sm	1.575.314	39,38	2.425.052	60,62	1.642.090	42,42	2.228.719	57,58	4,24%
> 10 a 20 sm	551.780	35,69	994.087	64,31	546.888	37,2	923.434	62,8	-0,89%
> 20 sm	147.111	27,04	396.896	72,96	133.906	29,27	323.586	70,73	-8,98%
Sem declaração	245.924	36,22	433.141	63,78	284.164	37,73	468.955	62,27	15,55%
<b>Total</b>	<b>20.156.532</b>	<b>42,27</b>	<b>27.302.180</b>	<b>57,53</b>	<b>20.546.354</b>	<b>44,06</b>	<b>26.084.761</b>	<b>55,94</b>	<b>1,93%</b>

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Fazendo uma análise do ano de 2018, as mulheres que recebem entre 1 e 2 salários mínimo correspondem a 11.172.402 de mulheres empregadas, sendo essa faixa a que tem o maior número de pessoas empregadas, tanto do sexo feminino quanto do masculino, conforme tabela 11.

A segunda maior taxa de crescimento (10%) foi das mulheres que ganham de dois a três salários, o que mostra um aumento na faixa salarial das mulheres empregadas no mercado cearense. Para remunerações entre meio e um salário houve uma queda (-5,07%), o que indica que diminuiu os números de mulheres ganhando essa faixa salarial.

A partir da faixa de um salário e meio, tanto no ano de 2012 quanto no de 2018, o percentual masculino é acima de 50%, o que significa que em maiores salários, o sexo masculino ainda se destaca. Podemos observar essa diferença notoriamente naqueles que recebem mais de 20 salários, no ano de 2018, onde os homens correspondem a 70,73% das pessoas com vínculo empregatício que recebe essa faixa.

No entanto, mesmo com essa desproporção, analisando os anos de 2012 a 2018, notou-se que está havendo uma queda no percentual das faixas de maiores salários no percentual do sexo masculino, e crescimento do sexo feminino, o que significa que as mulheres estão conseguindo um melhor espaço e remuneração no mercado de trabalho, comparadas ao ano de 2012.

A faixa salarial de 5 a 10 salários mínimos se mostrou com uma taxa de crescimento de 4,24%, as mulheres que ganham entre 10 e 20 salários mínimos, apresentou uma taxa negativa de crescimento (0,89%). As que ganham mais de 20 salários mínimos também apresentou uma taxa negativa de crescimento, sendo essa faixa a que teve a maior taxa negativa de crescimento (-8,98%).

Dessa forma, conclui-se que a faixa salarial da mulher é de mais de 1 a 2 salários mínimos, em todos os anos analisados. Observou-se que a participação das mulheres que ganham até 1 salário mínimo diminuiu, implicando num aumento das mulheres que ganham entre 1 e 2 salários mínimos. E com relação a taxa de crescimento, o crescimento das mulheres empregadas foi maior na faixa que ganha entre 2 e 5 salários que na faixa de até 1 salário mínimo.

Diante disso, entende-se que mesmo com uma queda na taxa de crescimento na faixa salarial de mais de 20 salários, entende-se que as mulheres estão sendo melhores remunerados em 2018, mas infelizmente o salário do sexo masculino ainda se sobressai nos maiores salários.

### **Tempo de Serviço**

Analisando o período de permanência das mulheres empregadas no mercado formal nordestino, através da tabela 11, percebe-se que, no ano de 2012, 32,42% das trabalhadoras permaneceram menos de um ano empregadas.

Esse percentual aumentou no ano de 2013 para 33,17%, no entanto em 2014 teve uma queda de 2,01 p.p, e essa diminuição foi se repetindo ao longo dos anos. No ano de 2018, houve um leve crescimento no percentual em relação ao ano de 2017 de 0,21 p.p, porém teve uma queda de 5,78 p.p em comparação ao ano de 2012, significando que o percentual de mulheres empregadas nessa faixa de tempo está menor.

O segundo período de tempo das mulheres empregadas é de 1 a menos de 3 anos, no entanto como na faixa de tempo anterior, ela também sofreu uma diminuição no percentual ao longo dos anos de 2012 a 2018. Em 2012, esse percentual era representado por 26,03%, nos anos de 2013 e 2014, ocorreu uma diminuição, porém no ano de 2015 teve um aumento de 1,42 p.p em relação ao ano anterior. Nos anos seguintes essa porcentagem volta a cair, correspondendo 23,28% em 2018, significando uma queda de 2,65 p.p, também indicando uma menor contratação de mulheres nessa faixa de tempo.

A permanência de 5 a menos de 10 anos por mulheres com vínculo empregatício, é a terceira com maior número de porcentagem de mulheres. Em 2012 era representado por 17,35%, como nas outras faixas de duração, houve uma queda no ano de 2013, que foi aumentando a partir do ano de 2014. Em 2018, o percentual de mulheres que correspondiam a esse tempo de serviço era 19,56%. Ou seja, o número de mulheres que permanecem por 10 anos ou mais em seus empregos está cada vez maior.

Em seguida, a faixa tempo emprego que mais se destaca é o das mulheres que ficam empregadas entre 5 a menos de 10 anos. Essa duração de tempo contratada, ao contrário do tempo de serviço visto até agora, não houve queda no percentual em nenhum dos anos estudados. Em 2012, o emprego feminino deixa faixa de tempo correspondia a 12,69% das mulheres, e foi crescendo ao longo dos anos, represento e 2018 17,12% do emprego feminino, indicando um aumento de 4,43%, sendo esse período o que teve maior crescimento no percentual comparando com os outros tempos de serviços.

Em relação à duração de 3 a menos de 5 anos por mulheres nos empregos, é a menor porcentagem considerando o total de emprego feminino segundo o tempo de serviço. No entanto, esse percentual aumentou ao longo dos anos estudados. Seu maior número foi em 2017 com 14,37%, mas no ano de 2018 caiu para 13,27%. Indicando que de acordo com a tabela 12, houve um crescimento dos anos de 2013 a 2017, mas diminuiu em 2018, significando um menor número de mulheres que permanecem em seus empregos por esse período, conforme tabela 12.

Tabela 12- Emprego feminino, segundo tempo de serviço - Nordeste - 2012 a 2018 (%).

<b>Faixa Tempo Emprego</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Menos de 1 ano</b>	32,42%	33,17%	31,16%	27,21%	24,53%	26,43%	26,64%
<b>1 a menos de 3 anos</b>	26,03%	25,56%	26,55%	27,97%	26,81%	23,42%	23,38%
<b>3 a menos de 5 anos</b>	11,48%	11,22%	11,99%	12,88%	14,24%	14,37%	13,27%
<b>5 a menos de 10 anos</b>	12,69%	13,10%	13,24%	14,45%	15,76%	16,70%	17,12%
<b>10 anos ou mais</b>	17,35%	16,95%	17,03%	17,44%	18,62%	19,05%	19,56%
<b>Sem classe</b>	0,02%	0,02%	0,03%	0,04%	0,03%	0,03%	0,03%
<b>Total</b>	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/TEM

Dessa forma, podemos perceber essa maior participação dos trabalhadores com pouco tempo de serviço, é devido às novas formas de sistematização de trabalho e produção que estão sendo implantados, sendo adaptados em um processo de reestruturação produtiva e progresso tecnológico, o que resulta em algumas substituições de trabalhadores formais por temporários, ocasionando uma rotação maior dos trabalhadores no mercado formal de trabalho.

### **Absorção da Mão de Obra Feminina por Setor de Atividade.**

Nesse tópico será abordada a distribuição do emprego formal feminino nos anos de 2012 a 2018, no Nordeste, com o propósito de verificar como as mulheres estão alocadas por setores de atividade econômica e quais as mudanças que ocorreram ao longo dos anos analisados.

A composição setorial do emprego formal feminino para o ano de 2012 era a seguinte: Indústria (13,28%), Construção Civil (1,19%), Comércio (19,92%), Serviços (64,37%) e Agropecuária (1,23%). Esses dados revelam que o setor de serviços é o mais representativo para as mulheres no mercado formal no ano de 2012. Nos anos seguintes, esse setor continua em crescimento analisando o percentual.

Em todos os anos analisados, os serviços correspondem a mais de 64% dos números de mulheres com vínculo empregatício. Em 2018, esse percentual chega a 67,01%, ou seja, é o setor que mais emprega mulheres nordestinas.

O segundo setor responsável pelo maior percentual de empregos formais para as mulheres é o Setor de Comércio. Seja por necessidade, oportunidade ou satisfação pessoal, o empreendedorismo tem se consolidado como um ambiente cada vez mais atrativo e promissor para o público feminino.

No ano de 2012, às mulheres alocadas com essa colocação, representavam 19,92%, em 2013 cresce para 20,03%, aumento se repetindo também no ano de 2014 (20,10%). No ano de 2015, ocorreu uma leve queda de 0,08 p.p, se recuperando no seguinte, mas em 2017 esse percentual cai novamente para 19,82%. Em 2018 finaliza com 19,66% menor em relação ao ano anterior e cerca de -0,26 p.p comparado ao ano de 2012.

Tabela 13 – Emprego feminino por Grandes Setores de Atividade Econômica no Nordeste (%) – 2012 a 2018.

<b>IBGE Gr Setor</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Indústria</b>	13,28%	13,17%	12,81%	12,02%	11,72%	11,48%	11,26%
<b>Construção Civil</b>	1,19%	1,18%	1,19%	1,08%	0,97%	0,91%	0,89%
<b>Comércio</b>	19,92%	20,03%	20,10%	20,02%	20,06%	19,82%	19,66%
<b>Serviços</b>	64,37%	64,40%	64,69%	65,64%	66,02%	66,58%	67,01%
<b>Agropecuária</b>	1,23%	1,22%	1,21%	1,24%	1,23%	1,21%	1,18%
<b>Total</b>	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE

Em seguida, o setor que mais se destaca é a indústria. Foi nesse setor que o início da presença da mulher no mercado de trabalho formal começou a mudar um pouco, as mulheres passaram a trabalhar nas indústrias que precisam de mão de obra, mas recebiam menores salários. Assim, ao mesmo tempo em que os empregos nas indústrias teriam contribuído para inserir as mulheres no mercado de trabalho, eles intensificaram a desigualdade por meio da diferença dos salários.

Em 2012, esse setor correspondia a 13,28% das mulheres com vínculo empregatício, classificando esse setor como o único que, desde o ano de 2012, estava sofrendo queda no percentual. Destacando o ano 2015 em relação ao ano de 2014, com uma diminuição de 0,79 p.p. Em 2018, 11,26% das mulheres estavam alocadas no setor da indústria, 2,02 p.p a menos comparado ao ano de 2012. Ou seja, o número de mulheres contratadas nesse ramo está diminuindo.

Por último estão os setores de Agropecuária e Construção Civil, respectivamente. No tocante à agropecuária, é possível observar pela tabela 13, em 2012 era representado por apenas 1,23% das mulheres com empregos formais. Foi sofrendo pequenas variações ao longo dos anos estudados. Tendo seu maior percentual em 2015 (1,24%) e em 2018 correspondia a 1,18%. Deduzindo que a participação das mulheres também está diminuindo nesse setor.

Essa redução também ocorre na área de Construção Civil, caracterizando esse setor como o menor em representatividade dos empregos formais. Em 2012 correspondia a 1,19% com leves variações até o ano de 2018 que finaliza com 0,89%, indicando uma pequena queda de 0,30 p.p.

Dessa forma, analisando a tabela 13, é possível concluir, que as mulheres estão sendo mais destacadas nos setores de Serviço e Comércio, apresentando altos percentuais em relação ao total de mulheres com vínculo empregatício, no entanto nas demais áreas estão havendo uma diminuição de mulheres empregadas, indicando que infelizmente, em áreas que antes eram denominadas como “masculina”, a presença feminina ainda é menor.

### **Distribuição feminina nos setores de atividade econômica**

A tabela 14 mostra o percentual feminino de acordo com os setores de atividades dos anos de 2012 a 2018. Destaca-se forte concentração de mulheres no setor de Administração Pública, onde consta o maior número de mulheres com vínculo empregatício, em ambos os anos estudados neste trabalho.

Para o ano de 2012 a participação das mulheres era de 40,88%, em 2013 correspondia a 40,45% onde houve uma diminuição que se repetiu ao longo dos anos analisados. Em 2018, esse percentual representava 30,49%, cerca de uma queda de

10,39 p.p comparada ao ano de 2012. Apesar da redução da participação das mulheres, esse é o setor responsável por grande parte do emprego das mulheres, correspondendo a maior representatividade para o emprego feminino, conforme tabela 14.

Tabela 14 - Emprego Feminino por Setor de Atividades - Nordeste anos de 2012 a 2018 (%).

<b>Setores de Atividades</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>
<b>Extrativa mineral</b>	0,12%	0,12%	0,11%	0,11%	0,10%	0,09%	0,10%
<b>Indústria de transformação</b>	8,12%	7,92%	7,77%	7,39%	7,30%	6,97%	6,89%
<b>Serviços industriais de utilidade pública</b>	0,36%	0,37%	0,37%	0,38%	0,37%	0,38%	0,40%
<b>Construção Civil</b>	1,39%	1,29%	1,32%	1,16%	1,03%	0,92%	0,88%
<b>Comércio</b>	17,35%	17,52%	17,65%	17,68%	17,68%	17,25%	17,00%
<b>Serviços</b>	31,01%	31,52%	32,94%	33,42%	34,19%	33,73%	34,39%
<b>Administração Pública</b>	40,88%	40,45%	39,02%	39,03%	38,47%	39,78%	39,49%
<b>Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca</b>	0,77%	0,81%	0,82%	0,83%	0,86%	0,88%	0,86%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE.

O setor de serviços aparece como segundo setor que mais emprega mulheres. No ano de 2012 era correspondido por 31,01% de mulheres com vínculo empregatício, em 2013 teve um aumento de 0,51 p.p, em 2014 esse percentual subiu para 32,94%, que foi crescendo sem queda nos demais anos estudados. Em 2018 representava 34,39%, indicando esse setor como o que teve maior crescimento de mulheres empregadas nos setores de atividades.

Em seguida vem o setor de comércio, como ressaltado no tópico anterior. Sofreu uma leve queda ao longo dos anos analisados, mas ainda representa um forte percentual de mulheres empregadas. No ano de 2012 correspondia a 17,35% de mulheres com vínculo empregatício, teve um ligeiro aumento nos anos de 2015 e 2016 (17,68%), mas nos anos seguintes voltou a cair, chegando a 17% no ano de 2018.

No tocante à indústria de transformação, esse setor corresponde ao quarto setor que mais emprega mulheres. No entanto, ele sofreu uma queda de 1,23 p.p no ano de 2018 em relação ao de 2012. Em 2012 representando 8,12% e nos anos seguintes em todos foi sofrendo uma leve queda, indicando que estão sendo menos mulheres contratadas nesse âmbito.

Nos setores de Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca e serviços industriais de utilidade pública, mesmo sendo uns dos menores setores que empregam mulheres, nos anos estudados, eles foram tendo um leve aumento nos anos analisados, ou seja, mesmo sendo aos poucos, as mulheres estão crescendo mais nesses setores.

No setor de Construção Civil, houve uma redução de mulheres empregadas nessa área. Em 2012, correspondia a 1,39% de mulheres com vínculo empregatício, teve uma queda em 2013, mas em 2014, teve um leve aumento. No entanto, nos demais anos esse percentual foi caindo, chegando em 2018 com 0,88 p.p, significando que a presença das mulheres nesse setor ainda é muito reduzida.

Por último vem o tocante à indústria extrativa mineral, aparece sendo o setor com o menor número de mulheres empregadas em todos os anos analisados. E esse percentual vem caindo ao longo dos anos de 2012 a 2018, significando que as mulheres estão sendo menos representadas nesse setor. Em 2018, corresponde a apenas 0,10% de mulheres empregadas, segundo a tabela 14.

## CONCLUSÃO

Ao longo dos anos as mulheres seguem lutando para provar para a sociedade o quanto elas são competentes tanto quanto os homens, e podem exercer atividades que sempre foram estritamente masculinas em pé de igualdade.

Em um estudo bibliográfico esse presente trabalho, procurou mostrar a inserção das mulheres no mercado brasileiro, expondo o comportamento do percentual de empregos formais da mulher no Nordeste nos anos de 2012 a 2018.

Acerca da comparação da participação da mulher no mercado formal em relação ao homem, os resultados obtidos evidenciaram uma participação maior de mulheres no mercado formal de trabalho, mesmo que ainda apresentem uma menor participação com relação ao segmento masculino. Com relação à natureza vínculo empregatício, a maioria das pessoas em todos os anos analisados, estão empregados através do regime CLT, sendo a participação dos homens empregados maior que os das mulheres. No tópico tamanho do estabelecimento, conclui-se que os grandes estabelecimentos são os que mais contratam mão de obra feminina em ambos os anos, no entanto houve uma diminuição no percentual dessa participação do ano de 2012 para o ano de 2012. Ainda que os grandes estabelecimentos também sejam responsáveis por grande parte da mão de obra masculina, também foi notada uma queda no percentual na participação dos homens neste estabelecimento.

Com relação ao perfil do emprego feminino. Os resultados obtidos mostram que no tocante ao perfil etário das mulheres a faixa etária com maior representatividade compreende as mulheres com idade entre trinta e trinta e nove anos para todos os anos analisados. Importante ressaltar que enquanto as faixas etárias de maior idade vêm se destacando na contratação de mulheres, as com menores está havendo uma queda no percentual nas contratações, significando que mulheres mais experientes estão sendo mais valorizadas do que os jovens que não tem tanta experiência.

Em relação ao perfil educacional das mulheres percebeu-se que as participações de mulheres empregadas com ensino médio completo, nível superior completo, mestrado e doutorado aumentaram, o que demonstra uma melhoria do padrão educacional das mulheres empregadas no Nordeste. No entanto, mesmo com

o nível de escolaridade superior que as dos homens, ainda são desvalorizadas. No que diz respeito à remuneração das mulheres, notou-se que a faixa salarial predominante para todos os anos analisados compreende mais de 1 a 2 salários mínimos. No entanto, ao longo dos anos analisados houve uma redução no percentual de mulheres que recebiam essa faixa de salário, o que refletiu no aumento da participação das mulheres que ganham maiores remunerações, no que diz respeito à taxa de crescimento, observou-se que o crescimento das mulheres foi maior na faixa de 5 a 10 salários mínimos do que na faixa de até 1 salário mínimo. Porém o sexo masculino ainda se sobressai no recebimento de maiores salários.

Já em relação ao tempo de serviço, conclui-se que o maior percentual das mulheres que representam o tempo que elas ficam no emprego é a de menos de 1 ano, porém essa parcela das mulheres com menos tempo no mercado formal diminuiu nos anos analisados, refletindo numa maior permanência das mulheres empregadas no emprego.

Na verificação da absorção da mão de obra feminina por setor de atividade. No tocante aos grandes setores, observou-se que o setor de serviços é o responsável pelo maior número de mulheres empregadas, seguido dos setores de comércio e indústria, em todos os anos analisados. O percentual de participação das mulheres em todos os setores exceto o de serviços diminuiu nos anos estudados. No que se refere à administração pública, viu-se uma forte participação das mulheres, sendo a atividade que mais emprega mulheres dentro do setor de serviços.

Em síntese, embora se reconheça os avanços conquistados pela mulher, ainda é notória a desigualdade de gênero, tanto com relação ao salário pagos às mulheres para mesma função dos homens, quanto à inserção da mulher no mercado de trabalho. Porém os resultados do trabalho evidenciam uma crescente participação da mulher no mercado nordestino, mesmo que a parcela masculina ainda se sobressaia à feminina.

O que é esperado com as informações e analisadas aqui expostas possa colaborar não apenas para o conhecimento sobre as transformações que houveram nos anos estudados, com relação às mulheres no mercado de trabalho formal, mas também ajudar e direcionar o leitor em novos trabalhos sobre o tema abordado, como

por exemplo uma abordagem da mulher no subsetor de Administração Pública, mais em específico como a educação influencia nesse setor de atividade, entre outros possíveis assuntos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. O Trabalho da Mulher Brasileira nos primeiros anos da década de noventa. In: Seminário Nacional: políticas econômicas, pobreza e trabalho, 2, 1996. Rio de Janeiro. Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, 1996, p. 483-516. Acesso em: 02 de junho de 2021.

CAGED. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Disponível em: <<https://bi.mte.gov.br/bgcaged/inicial.php>>. Acesso em: 05 de junho de 2021.

CAMARANO, A. A. Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: Ipea, 2014

CHAHAD, José Paulo Zeetano. Mercado de trabalho: conceitos, definições e funcionamento. In: PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval (orgs.). Manual de Economia. São Paulo: Ed. Saraiva, 1999.

COSTA, Mardônio de Oliveira; **Mulher e Mercado de Trabalho: A Realidade Cearense**. 2008. Disponível em: <<http://www.idt.org.br/idt/estpesq/publicacoes/Mulher%20e%20Mercado%20de%20Trabalho.pdf>>. Acesso em: 07 de junho de 2021

CUNHA, Ana Cristina da Silva. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho em Fortaleza**. 2009. 66p. Monografia (Bacharelado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

HOFFMANN, Rodolfo; LEONE; Eugênia Troncoso. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981- 2002. **Revista Nova Economia**, v.14, n.2, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n2/140202.pdf>>. Acesso em: 16 de junho de 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 02 de junho de 2021.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/0404sintese.shtm>>. Acesso em 07 de junho de 2021.

IBGE. **Agência IBGE Notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>>. Acesso em: 06 de julho de 2021.

IPEA. Sem qualificação, jovem é instável no emprego. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17346](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=17346)>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

OLINTO, G.; OLIVEIRA, Z. L. C. A inserção no trabalho segundo a condição na família: dados da PNAD para o Brasil urbano. Mulher e trabalho, Porto Alegre, Fundação de Economia e Estatística, DIEESE; SEADE-SP; FAT; FGTAS/SINE-RS, v. 4, p. 31-44, abr. 2004.

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em:<[http://www.mte.gov.br/rais/default.asp#dados\\_estatisticas](http://www.mte.gov.br/rais/default.asp#dados_estatisticas)>. Acesso em: 06 de julho de 2021.

RAMOS, Lauro. O desemprego recente do mercado de trabalho brasileiro: tendências, fatos estilizados e padrões espaciais. **Texto para discussão**, Rio de Janeiro, n. 1255, p.1-43, jan./2007. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1756/1/TD\\_1255.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1756/1/TD_1255.pdf)>. Acesso em: 28 de junho de 2021.

SOUZA, M. C. C. de. O Mercado de Trabalho: abordagens duais. RAE - Revista de Administração de Empresas, v. 18, n. 1, jan-mar, 1978.